



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encerramento do seminário Oportunidades de Comércio, Negócios e Investimentos entre Argentina e Brasil**

**São Paulo-SP, 20 de março de 2009**

Companheira e amiga Cristina Kirchner, presidenta da nação Argentina,  
Companheiro Jorge Henrique Taiana, ministro das Relações Exteriores,  
Comércio Internacional e Culto da Argentina,

Senhora Débora George, presidente da (incompreensível) da Argentina,  
Companheiro Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores do Brasil,  
Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio,  
Luiz Barretto, ministro do Turismo,  
Franklin Martins, ministro de Comunicação Social,  
Governadores argentinos presentes a este evento (incompreensível),  
Embaixador Juan Pablo Lohlé, embaixador da Argentina no Brasil, em  
nome do qual saúdo os demais integrantes da delegação Argentina,

Embaixador Mauro Vieira, embaixador do Brasil na Argentina,  
Meu caro Juan Carlos, presidente da União Industrial da Argentina, em  
nome do qual saúdo todos os empresários argentinos aqui presentes,

Meu caro amigo Paulo Skaf, presidente da Federação das Indústrias do  
Estado de São Paulo, em nome do qual saúdo as empresas, os empresários e  
as empresárias presentes a este evento,

Amigos, amigos da imprensa,

Primeiro, Stuckinha, eu queria que você tirasse uma foto pegando o  
plenário, porque só aparecemos eu e a Cristina. Então, tire uma foto... Eu pedi  
a foto para uma amostragem... Certamente, os empresários brasileiros e  
argentinos, todos que estão aqui já se encontraram em algum momento,



tratando dos interesses das suas empresas, dos interesses do seu comércio. Mas, possivelmente, nenhum de vocês sabia que viria a uma reunião aqui na Fiesp essa quantidade de empresários argentinos e brasileiros juntos. Isso demonstra a força que nós temos quando nós agimos enquanto nação, enquanto Mercosul, enquanto América do Sul, a força...

Eu já tinha ficado impressionado com aquela reunião que nós fizemos em Buenos Aires. Eu penso que há muitas décadas não tinha havido uma reunião como aquela que nós fizemos em Buenos Aires. Fico, agora, certamente desde que a Fiesp foi fundada, nunca conseguiu fazer uma reunião com essa quantidade de empresários argentinos e empresários brasileiros juntos. E também porque é a primeira vez que a nossa Presidenta vem a São Paulo. Isso demonstra que nós, apesar de sermos vizinhos, apesar de estarmos tão perto, nós ainda nos conhecemos pouco, e é preciso nos conhecermos mais. Certamente, a cada vez que nós nos conhecemos, nós vamos conhecer mais potencial entre nós, mais oportunidades e mais coisas nós poderemos fazer juntos. Por isso, eu tenho uma enorme satisfação de participar do encerramento deste encontro empresarial, ao lado da minha querida amiga, presidenta Cristina.

Nesta semana, São Paulo teve a oportunidade de conhecer melhor a pujança desta nova Argentina. Sentiu a força de suas empresas, a competitividade de seus produtos, a criatividade de seus serviços.

Este encontro confirma que nossos empreendedores estão plenamente engajados na parceria que os governos brasileiro e argentino estão consolidando. Uma aliança baseada na convicção de que o sucesso do outro é fundamental para nosso êxito comum. Não há saída individual para nossos países, apenas soluções coletivas.

Isso é mais verdadeiro agora, quando vivemos momentos de turbulência e incerteza sem precedentes na economia global.



Argentina e Brasil estão destinados a entrelaçar, de forma cada vez mais intensa, seus interesses econômicos e fazer convergir suas visões políticas.

Amigos e amigas,

O cenário internacional é hoje radicalmente diferente daquele que tínhamos em agosto passado, quando estive em Buenos Aires. A crise, originada nos países desenvolvidos, atingiu países, como os nossos, que em nada contribuíram para sua eclosão.

Mas temos confiança na solidez de nossas economias e nas políticas que traçamos. Cresceremos menos este ano, mas vamos continuar a crescer. Reforçaremos as conquistas sociais que nos prepararam para retomar rapidamente nosso crescimento e sair da crise antes que a maioria dos outros países.

Nosso comércio bilateral já está retomando sua função de poderoso indutor do crescimento e atuando como principal medida anticíclica. Já em fevereiro, houve recuperação de quase 9% do volume de nossas trocas.

Mais do que liberalização comercial, buscamos uma integração produtiva. Nossos países têm de ser a locomotiva industrial do Mercosul. E o Brasil quer contribuir na agregação de valor às exportações da Argentina. Absorvemos quase 40% de suas exportações industriais, que correspondem a 62% do total enviado ao Brasil em 2008.

A recuperação nas vendas de automóveis em nossos países mostra que devemos aprofundar políticas que facilitem o acesso ao crédito para empresas e para consumidores.

A aplicação do sistema de pagamentos em moeda local também ajudará a reduzir custos e irrigar as nossas economias.

Precisamos acelerar a vigência do convênio entre o BNDES, o Banco de La Nación e o Banco de Integração e Comércio Exterior. E aí, um dado, nós vamos trabalhar - o Luciano Coutinho deve estar por aqui – para ver se no dia 23 de abril, quando eu estiver na Argentina, a gente possa firmar finalmente



esse acordo, que por enquanto é um protocolo. E normalmente, um protocolo não comporta dinheiro. Precisamos colocar dinheiro, que é o que vai fazer as coisas funcionarem rápido.

Esse acordo permitirá que o Brasil ultrapasse os US\$ 3,6 bilhões de crédito aberto para empreendimentos na Argentina, desde 2003.

O Brasil continua a apostar na economia argentina e no espaço econômico integrado que estamos construindo.

Já estão aprovados financiamentos para distribuição de gás na província de Córdoba, assim como para geração de eletricidade, saneamento, e projeto de engenharia para o túnel Água Negra, em San Juan.

Para estimular o comércio e os investimentos, é preciso também acelerar projetos binacionais em estudo: pontes, ferrovias e hidrelétricas na nossa fronteira.

Cara amiga Cristina,

Nossa parceria nos assegura que, diferentemente de vezes anteriores, nossos países não serão parte da atual crise. Seremos parte de sua solução.

Dentro de poucos dias, Cristina e eu voltaremos a nos reunir em Viña del Mar e depois, em Londres, para a cúpula do G-20. Atuaremos de maneira coordenada e com a autoridade dos que não sucumbiram ao canto de sereia do pensamento único conservador.

Fizemos exatamente o contrário do prescrito por aquela cartilha. Mantivemos vigorosa ação regulatória do Estado sobre o sistema financeiro e de seguros e contamos com bancos públicos sólidos. Reduzimos, ainda, nossa vulnerabilidade externa. E, mais importante, nossas políticas de inclusão social e de distribuição de renda tiraram milhões de pessoas da pobreza. Forjamos assim um vigoroso mercado interno e fortalecemos nosso espaço econômico regional.

A cada dia, fica mais claro que o principal desafio que enfrentamos é a falta de recursos para o financiamento do investimento, da produção e do



consumo. Precisamos restabelecer o fluxo interbancário e o crédito para as atividades produtivas e para o comércio. Sem crédito, as empresas não investem e a economia não gira.

Essas são as propostas que certamente levaremos a Londres, que discuti com o Presidente Sarkozy e com o presidente Obama e que conversei um pouco hoje com a companheira Cristina.

A reformulação das instâncias de governança financeira é inadiável. O G-8 mostrou-se aquém das necessidades atuais. O G-20 é parte da solução. Instituições como o FMI e o Banco Mundial só terão sua capacidade de ação e credibilidade recuperadas quando houver maior participação dos países em desenvolvimento. Não faz sentido aumentarmos nossa contribuição para essas instituições enquanto os países ricos, responsáveis pela atual crise que afeta a todos, continuarem a dar as cartas das instituições.

Companheira Cristina,

A crise para nós, sul-americanos, deve ser vista como oportunidade de acelerar o ritmo da integração financeira e energética; melhorar as conexões rodoviárias e ferroviárias; fortalecer a cooperação em políticas sociais.

Finalmente, Cristina, parece que segunda-feira os nossos ministros da economia vão se reunir, e me parece que finalmente nós vamos ter o Banco do Sul funcionando aqui, na nossa querida América do Sul. Chegou a hora de pôr de lado diferenças menores e unir o nosso potencial para os desafios que realmente importam.

Avançamos na consolidação da Unasul, mas estou convencido de que é chegada a hora de aprofundarmos nossa identidade sul-americana também na área monetária. Devemos estender a toda a região nossa bem-sucedida experiência bilateral com transações comerciais em moeda local, que me parece que está sendo pouco usada ainda. Possivelmente, Brasil e Argentina tenham que fazer uma campanha publicitária mostrando que é possível, hoje, a gente não precisar comprar dólares para fazer o nosso comércio entre os dois



países. Sei que esse é um objetivo ambicioso, mas é passo fundamental que temos de dar no processo de convergência macroeconômica regional.

A América do Sul mais justa e solidária que almejamos somente será viável se tivermos a coragem de ousar moldar nosso futuro comum.

Esse é o sentido estratégico da nossa integração. O êxito dessa integração não será resultado apenas da aliança estratégica entre Brasil e Argentina. Mas, sem essa aliança, não haverá uma verdadeira união sul-americana.

Minha cara companheira Cristina,  
Companheiros da Argentina,  
Companheiros empresários,  
Companheiros brasileiros,

Eu, em Buenos Aires, disse que argentinos e brasileiros não podem viver como adversários, nós temos que viver como parceiros cada dia mais. E que a grandeza da indústria brasileira não pode ser um empecilho para o crescimento da indústria argentina, porque quanto mais ricos forem os dois países, mais comércio nós vamos ter, mais vamos comprar e mais vamos vender, mais empregos nós vamos gerar.

Eu tenho certeza de que os empresários brasileiros já estão convencidos de que não adianta o Brasil ser um país rico se ao lado tivermos um conjunto de países empobrecidos, sem desenvolvimento.

A Argentina, que já foi uma das economias mais industrializadas do mundo, ou seja, foi, ou melhor, teve essa indústria desativada por pessoas que acreditaram em fantasias, por pessoas que não acreditavam sequer nas decisões soberanas dos seus países.

O Brasil tem um papel não apenas de contribuir por conta dos seus interesses, mas contribuir por conta das necessidades políticas de ajudar o Mercosul a ser cada vez mais forte.

Os números que a Fiesp mostrou aí dão uma dimensão do quanto nós



crecemos nestes últimos anos e do quanto nós poderemos crescer nos próximos anos se nós tivermos consciência de que ainda não exploramos todo o potencial que tem a Argentina e que tem o Brasil. Esse potencial de Argentina e Brasil é o que pode alavancar o fortalecimento do Mercosul e, por que não dizer, é o que pode alavancar toda a América do Sul.

Eu creio, Cristina, que essa visita sua ao Brasil – não por ser a primeira, apenas, a São Paulo – mas a sua visita, com quase 500 empresários argentinos aqui... No dia 23 estaremos na Argentina para uma nova rodada de conversas. Eu penso que nós poderemos chegar ao final de 2010 com alguns bilhões a mais na nossa balança comercial, tanto para a Argentina, quanto para o Brasil.

Aos empresários brasileiros eu queria dizer uma coisa importante: é extremamente sério que o Brasil, da mesma forma que está fazendo na Venezuela, com escritório da ABDI – certamente a Argentina não precisa de escritório da ABDI, porque já tem uma estrutura empresarial mais sólida – mas é extremamente importante que os empresários brasileiros construam parcerias com empresários argentinos, sobretudo na indústria naval, em que o Brasil vai precisar de muitas coisas até 2010 (**falha na gravação**) e de muitas mais coisas até (**falha na gravação**) as possibilidades de (**falha na gravação**) vai fazer com que a gente (**falha na gravação**) possa trazer benefícios também no fortalecimento (**falha na gravação**) parcerias com nossos amigos da América do Sul e do Mercosul. Eu já disse (**falha na gravação**) se nós acharmos que vamos resolver o nosso problema agindo sozinhos. Não existe espaço para isso. (incompreensível) que é o maior PIB do mundo, tem condições de resolver os seus problemas sozinho hoje. Eu estou (**falha na gravação**), companheiros, ao chegarmos no dia 2 de abril em Londres para o G-20, nós temos consciência de que é a primeira vez, acho que na história dos últimos dois séculos, que dois países em desenvolvimento vão chegar a uma reunião (**falha na gravação**) mais autoridade moral do que os países ricos,



porque a nossa economia está mais arrumada, porque os nossos bancos estão mais sólidos e porque, embora a crise tenha chegado por essas bandas, ela chegou menos virulenta do que chegou nos países desenvolvidos.

Eu acho que os presidentes da Europa têm consciência de que parte da solução depende deles, da coragem deles. E tenho certeza de que o Obama... eu digo todo dia, Cristina, que eu ando rezando mais pelo Obama do que por mim a vida inteira. Primeiro, eu não sei, sem nenhum preconceito contra ninguém, mas o Obama é o primeiro presidente eleito nos Estados Unidos, em muitas décadas, que se parece com a gente. É, é a única pessoa. Se ele vai fazer o que a gente acredita que ele deva fazer, eu não sei. Mas posso dizer – você vai se encontrar com ele agora, na Cúpula das Américas, e você vai perceber – é a primeira pessoa com a cara de gente (incompreensível), falando humildemente, falando simples, falando de América do Sul, falando de América Latina. E ele sabe o tamanho da crise lá. Ele sabe também que não vai salvar a economia americana colocando dinheiro para banqueiro quebrado, para pagar bônus... é a primeira vez na vida que eu vejo alguém receber bônus por fracasso. Normalmente, o bônus é estipulado pelo atingimento de uma meta, porque um diretor, um executivo cumpriu uma meta, então merece um bônus. Agora, o bônus do fracasso! E só pode ser dado porque é dinheiro do Estado. Eu acho que ele sabe que não pode continuar. O que eles estão fazendo – eu disse ao Celso Amorim e ao Marco Aurélio – é como se você pegasse uma panela, colocasse no fogo sem nada, e fosse colocando água. Daqui a pouco a água desaparecia, tinha que colocar mais água, e não resultava dessa panela nenhum produto. A continuar colocando dinheiro como eles estão colocando, sem criar nenhum mecanismo de esse dinheiro voltar a financiar crédito interno ou externo, é como se você estivesse colocando água e não estivesse colocando comida na panela: vai evaporar e não vai produzir nada. Eu acho que o presidente Obama tem clareza disso.

Portanto, eu, e Cristina certamente, estamos torcendo para eles



melhorarem rápido, porque quanto mais eles melhorarem, melhor para nós, que somos grandes produtores de comida, porque todo mundo precisa comer, e queremos vender um pouco mais de comida ao mundo.

Por isso, Cristina, a minha alegria em tê-la aqui, em São Paulo. De vez em quando as pessoas falam: “Mas o Brasil e a Argentina estão brigando muito, mas está fazendo isso, está fazendo aquilo...” Não teria razão de ser. Isso aqui não é um convento de freiras, isso aqui são duas nações soberanas, com interesses internos, com interesses comerciais, com interesses políticos. Isso aqui não são dois conventos, são duas nações com interesses muito objetivos para com seus povos e para com a integração. Eu acho que essas brigas também, de vez em quando, é a razão melhor para a gente discutir mais, para nos conhecermos melhor e para irmos corrigindo as nossas deficiências.

Eu sei que em comércio todo mundo quer levar vantagem em tudo, não é isso? Todo mundo quer exportar mais. Se todo mundo pudesse só ter superávit seria bom. Essas coisas, tem hora que você tem mais, tem hora que você tem menos. O que é importante, de fato, para equilibrar o mundo, é esse equilíbrio na balança comercial, ou seja, ninguém precisa ter superávit muito grande sobre o outro, é importante... Por isso que eu fico satisfeito de as empresas brasileiras estarem investindo na Argentina, para ajudar o Brasil a importar coisas que nós precisamos importar.

Eu assumi um compromisso com a Cristina e vou dizer publicamente aqui: os argentinos têm uma certa mágoa, porque estão a 5 anos pedindo para vender vacina para o Brasil contra a febre aftosa, talvez mais barata do que aquela que a gente vende aqui. E hoje eu fiquei sabendo pelo embaixador da Argentina que faz 5 anos que não vem sequer um parecer do órgão que tem que ver isso, ou seja, não é possível que uma coisa demore cinco anos.

Mas, Cristina, não pense que é só com a Argentina, não. Nós estávamos tentando comprar embriões de gado da Índia, para pode renovar o nosso



rebanho bovino, e já fazia mais de 10 anos que a gente pedia e que não vinha, até que na última reunião eu pedi... na primeira vez que eu fui à Índia, eu pedi para vender os embriões para o Brasil, eles concordaram. Passaram cinco anos e não veio um embrião para cá. Dessa última vez eu fui, falei com o ministro Singh na frente do responsável, que evitava que os embriões viessem para cá, e os embriões chegaram ao Brasil, graças a Deus chegaram ao Brasil.

Agora, posso te dizer que na próxima reunião que você tiver aqui, o rapaz que... deve ser alguém, porque burocrata é competente... Alguém está dizendo que não é para comprar. Pois eu vou descobrir esse alguém e nós vamos resolver esse negócio da vacina na Argentina, porque não é possível.

Parabéns, Cristina. Parabéns aos empresários argentinos. E parabéns, Paulo Skaf, por mais essa reunião realizada aqui, em São Paulo. Um abraço.

(\$211A)